



SECRETARIA DE ESTADO DE TRANSPORTES DO ESTADO DO PARÁ

PLANO ESTADUAL DE LOGÍSTICA E TRANSPORTES DO ESTADO DO PARÁ

PERFIL ECONÔMICO E INSERÇÃO INTERNACIONAL DO PARÁ

SÃO PAULO

MARÇO/2009

EQUIPE TÉCNICA

Carlos Roberto Azzoni (Diretor do Projeto)

Eduardo Amaral Haddad (Coordenador Geral)

Alexandre Porsse

Fernando Salgueiro Perobelli

ÍNDICE

1. DIMENSÃO DA ECONOMIA PARAENSE NO CONTEXTO REGIONAL E NACIONAL_____	1
2. DINÂMICA ECONÔMICA COMPARADA: PARÁ, NORTE E BRASIL _____	6
3. CARACTERÍSTICAS SETORIAIS DA ECONOMIA PARAENSE _____	10
4. INSERÇÃO INTERNACIONAL DA ECONOMIA PARAENSE_____	15
4.1 DECOMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES PARAENSES _____	22

1. DIMENSÃO DA ECONOMIA PARAENSE NO CONTEXTO REGIONAL E NACIONAL

O PIB da economia paraense foi de R\$ 44.376 milhões em 2006, alcançando uma participação de 1,87% no PIB total da economia brasileira (Quadro 1). Embora com uma participação relativamente pequena na economia nacional, esse resultado indica que o tamanho econômico do Pará situa-se próximo da mediana dos estados, ocupando a 13ª posição entre as economias estaduais. Já no âmbito regional, o Pará se destaca como a maior economia da região Norte, com uma participação de 36,98% no PIB total dessa região em 2006.

Contudo, considerando o PIB per capita, a economia paraense ocupa a 22ª posição entre os estados. Em 2006, o PIB per capita do Pará foi de R\$ 6.241 e representou aproximadamente 49,2% no PIB per capita nacional. Além disso, na comparação entre os estados da região Norte, o Pará possui o menor PIB per capita (Gráfico 1). Com o PIB per capita da região Norte foi de R\$ 7.989 em 2006, constata-se que o PIB per capita do Pará representava apenas 78,12% deste. Vale destacar ainda que todos os estados da região Norte possuem PIB per capita abaixo da média nacional, sendo que o Amazonas apresenta o menor diferencial relativo uma vez que seu PIB per capita representa cerca de 93,23% do PIB per capita nacional.

Numa perspectiva temporal, considerando o período 1985-2006, o desempenho da economia paraense em termos de participação nacional e regional se diferencia claramente entre antes e depois de 1994, seja na ótica do PIB ou do PIB per capita (Gráficos 2 e 3). De um modo geral, a representatividade da economia paraense no contexto regional e nacional é crescente no período 1985-1994, reduzindo-se significativamente em 1995 e, a partir daí, mantendo-se relativamente estagnada.

Por exemplo, a participação do Pará no PIB da região Norte subiu de 39,66% em 1985 para 46,65% em 1994. Já em 1995, essa participação caiu para 40,32%, reduzindo-se lentamente para o patamar de 36,65% em 2006. Um fenômeno similar ocorre no caso da participação

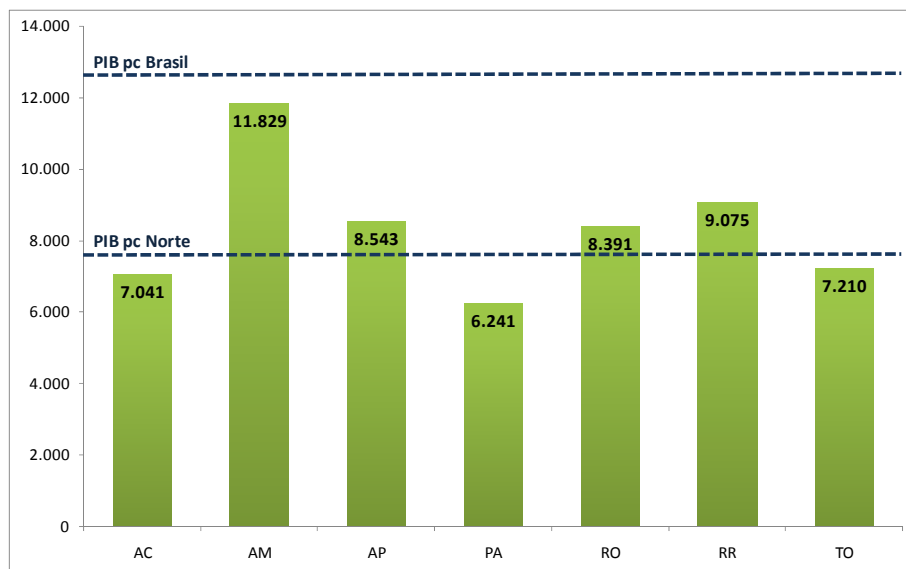
nacional. Entre 1985 e 1994, a participação do Pará no PIB nacional saltou de 1,52% para 2,37%. Porém, se reduziu para 1,87% em 1995 e, no período 1997-2006, subiu suavemente de 1,69% para atingir novamente 1,87%. O mesmo padrão ocorre na perspectiva do PIB per capita (Gráfico 3). Considerando todo o período, percebe-se que o PIB per capita da economia paraense chegou próximo da média da região Norte em 1994 (95,8%), quando também alcançou 67,7% da média nacional em 1994. Essa proporção caiu para aproximadamente 49,2% do PIB per capita do Brasil, como já comentado.

Quadro 1 - PIB e PIB per capita por Unidade da Federação - 2006

Unidade da Federação	PIB			PIB per capita		
	R\$ Milhão	Participação	Posição	R\$	Participação	Posição
São Paulo	802.552	33,87%	1	19.548	154,1%	2
Rio de Janeiro	275.363	11,62%	2	17.695	139,5%	3
Minas Gerais	214.814	9,06%	3	11.028	86,9%	10
Rio Grande do Sul	156.883	6,62%	4	14.310	112,8%	6
Paraná	136.681	5,77%	5	13.158	103,7%	7
Bahia	96.559	4,07%	6	6.922	54,6%	19
Santa Catarina	93.173	3,93%	7	15.638	123,2%	4
Distrito Federal	89.630	3,78%	8	37.600	296,3%	1
Goiás	57.091	2,41%	9	9.962	78,5%	12
Pernambuco	55.505	2,34%	10	6.528	51,4%	21
Espírito Santo	52.782	2,23%	11	15.236	120,1%	5
Ceará	46.310	1,95%	12	5.636	44,4%	23
Pará	44.376	1,87%	13	6.241	49,2%	22
Amazonas	39.166	1,65%	14	11.829	93,2%	9
Mato Grosso	35.284	1,49%	15	12.350	97,3%	8
Maranhão	28.621	1,21%	16	4.628	36,5%	26
Mato Grosso do Sul	24.355	1,03%	17	10.599	83,5%	11
Rio Grande do Norte	20.557	0,87%	18	6.754	53,2%	20
Paraíba	19.953	0,84%	19	5.507	43,4%	24
Alagoas	15.753	0,66%	20	5.164	40,7%	25
Sergipe	15.126	0,64%	21	7.560	59,6%	16
Rondônia	13.110	0,55%	22	8.391	66,1%	15
Piauí	12.790	0,54%	23	4.213	33,2%	27
Tocantins	9.607	0,41%	24	7.210	56,8%	17
Amapá	5.260	0,22%	25	8.543	67,3%	14
Acre	4.835	0,20%	26	7.041	55,5%	18
Roraima	3.660	0,15%	27	9.075	71,5%	13
BRASIL	2.369.797	100,00%	-	12.688	100,0%	-

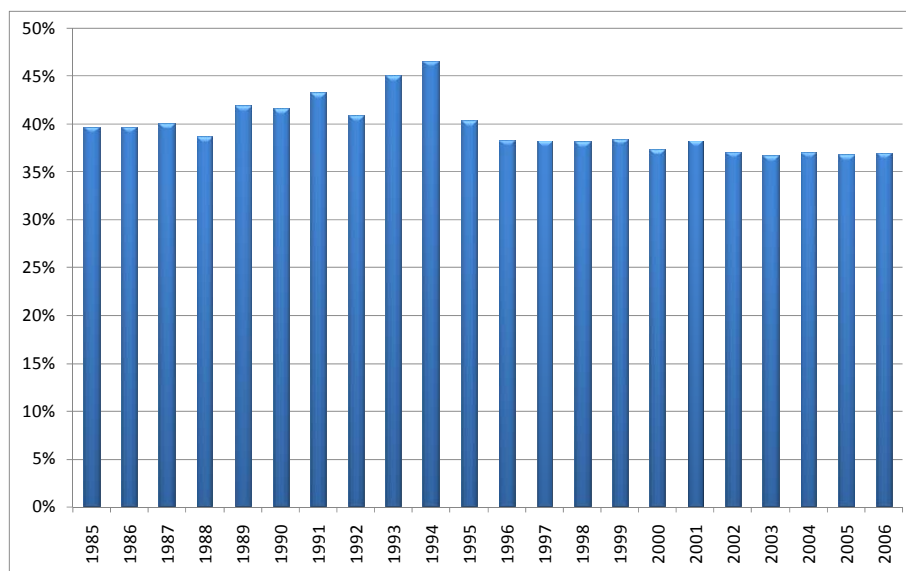
Fonte: IBGE.

Gráfico 1 - PIB per capita dos estados da região Norte – 2006 (R\$)

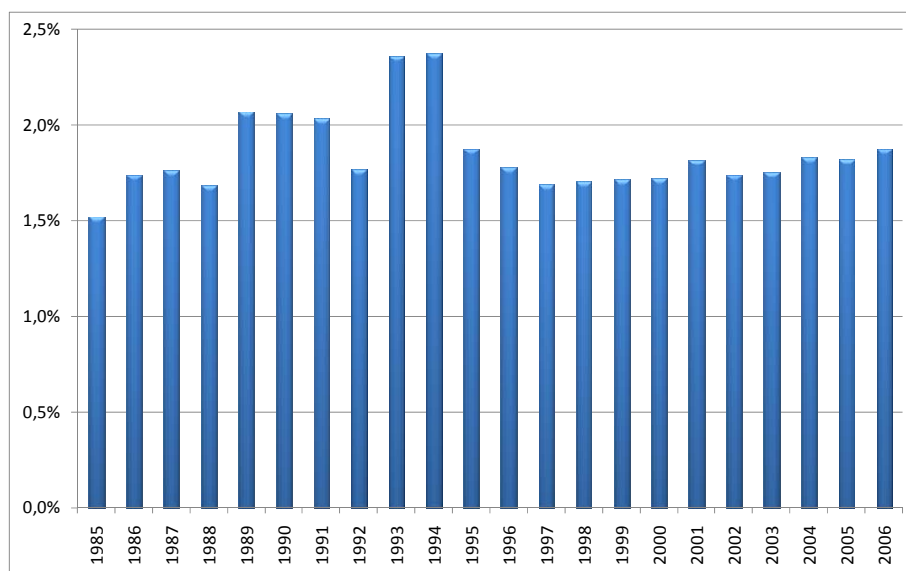


Fonte: IBGE.

Gráfico 2 - Participação do PIB da economia paraense na região Norte e no Brasil
Região Norte



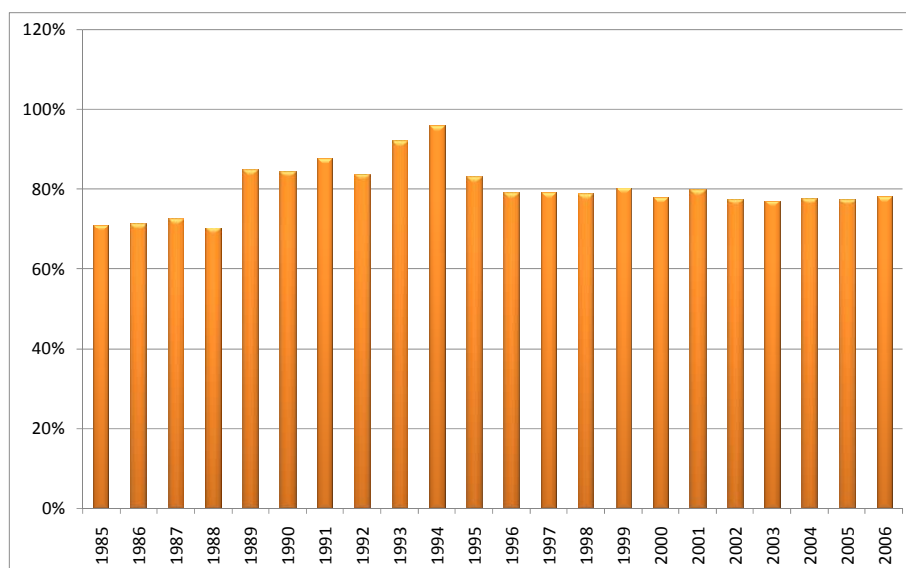
Brasil



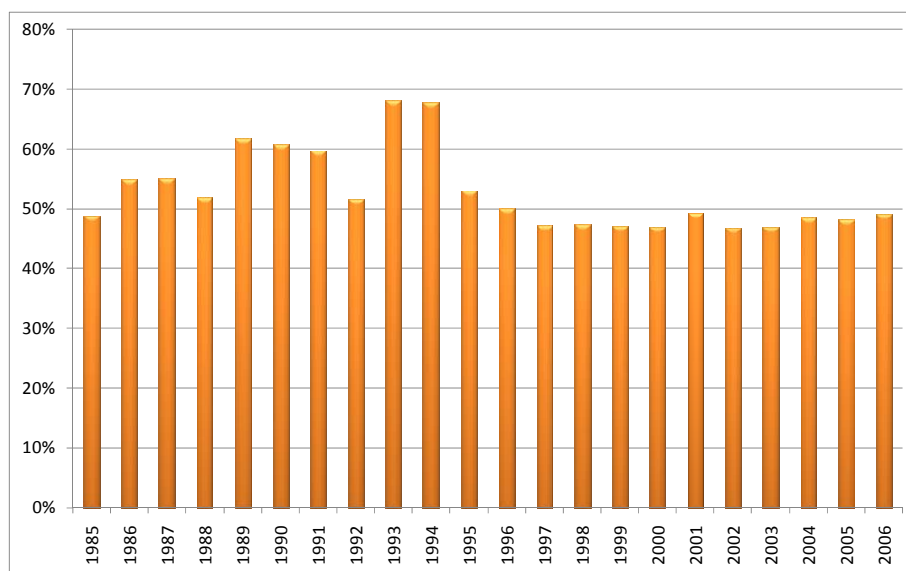
Fonte: Calculado pela Fipe.

Gráfico 3 - Razão do PIB per capita da economia paraense em relação ao PIB per capita da região Norte e no Brasil

Região Norte



Brasil



Fonte: Calculado pela Fipe.

2. DINÂMICA ECONÔMICA COMPARADA: PARÁ, NORTE E BRASIL

Apesar da redução da participação da economia paraense no PIB da região Norte e do Brasil no período posterior a 1994, observada na seção anterior, a análise das taxas de crescimento real do PIB do Pará no período 1985-2006 mostra um resultado diferente, pelo menos no que se refere à comparação com a dinâmica da economia brasileira.

Conforme os dados do Quadro 2, no período 1985-2006, a economia paraense apresentou uma taxa de crescimento anual média bastante superior àquela observada na economia brasileira como um todo. Enquanto o Pará cresceu, em média, 4,35% ao ano, o Brasil cresceu 2,71% ao ano. Considerando os períodos apresentados no Quadro 2, a economia paraense cresceu abaixo da economia nacional somente entre 1990 e 1995. Verifica-se ainda que, depois do baixo crescimento ocorrido neste período, a economia paraense está elevando o ritmo de crescimento. Isso é evidenciado pelo aumento da taxa de crescimento anual média entre os períodos 1995-2000 e 2000-2006, a qual subiu de 3,20% para 5,53%.

Contudo, a economia paraense tem crescido abaixo da média da região Norte, que apresentou uma taxa de crescimento de 5,49% ao ano no período 1985-2006. A única exceção ocorreu no período 1985-1990, quando o PIB paraense cresceu 7,25% ao ano e o PIB da região Norte cresceu 5,55% ao ano. Portanto, nos demais períodos, o ritmo de crescimento do Pará tem sido inferior ao da região como um todo.

Neste sentido, os dados observados no Quadro 2 sugerem dois processos dinâmicos. O primeiro caracteriza-se por uma trajetória de crescimento mais elevada da região Norte e do Pará em comparação com país. Já o segundo caracteriza-se por uma trajetória de crescimento menos acentuada da economia paraense em comparação com a região Norte, indicando um movimento de desconcentração econômica dentro da região Norte.

Quadro 2 - Taxa crescimento anual média do PIB em períodos selecionados

Regiões	1985-1990	1990-1995	1995-2000	2000-2006	1985-2006
Pará	7,25%	1,29%	3,20%	5,53%	4,35%
Norte	5,55%	5,40%	4,84%	6,05%	5,49%
Brasil	2,11%	2,79%	2,84%	3,02%	2,71%

Fonte: Calculado pela Fipe.

Na ótica do PIB per capita (Quadro 3), os resultados são similares para o período completo. Considerando a média de crescimento anual, o PIB per capita do Pará cresceu acima do nacional (1,70% contra 1,03%, respectivamente) e abaixo do regional (1,70% contra 2,02%, respectivamente). Neste caso, as diferenças em relação ao crescimento do PIB per capita nacional são menos significativas que àquelas observadas para o PIB devido aos diferenciais de crescimento populacional. Como pode ser constatado no Quadro 4, para o período como um todo, a taxa de crescimento populacional no Pará (2,65%) e na região Norte (3,46%) são muito mais elevadas em comparação com aquelas observadas para o país (1,68%).

Quadro 3 - Taxa crescimento anual média do PIB per capita em períodos selecionados

Regiões	1985-1990	1990-1995	1995-2000	2000-2006	1985-2006
Pará	3,26%	-1,08%	0,96%	3,42%	1,70%
Norte	-1,08%	2,71%	2,34%	3,73%	2,02%
Brasil	-0,20%	1,28%	1,35%	1,57%	1,03%

Fonte: Calculado pela Fipe.

Quadro 4 - Taxa crescimento anual média da população em períodos selecionados

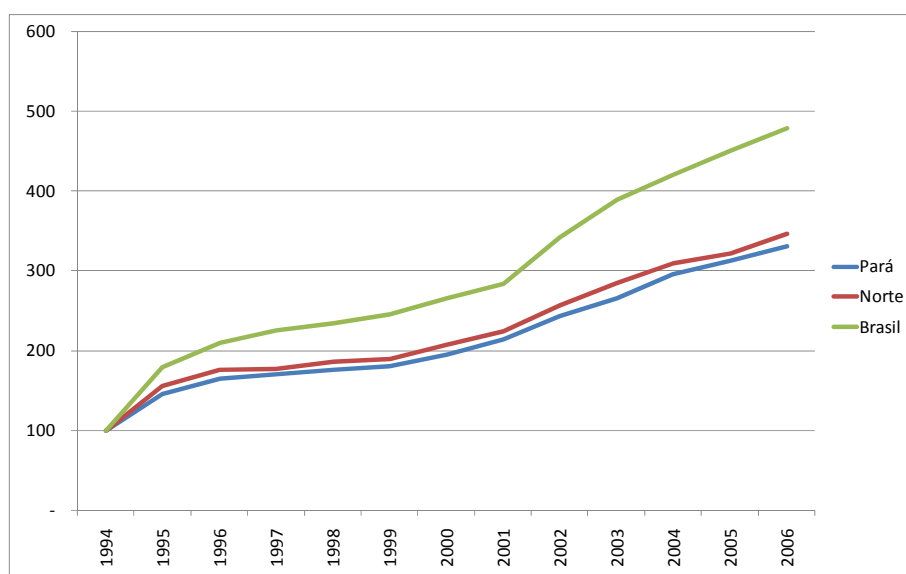
Regiões	1985-1990	1990-1995	1995-2000	2000-2006	1985-2006
Pará	3,99%	2,37%	2,24%	2,11%	2,65%
Norte	6,62%	2,69%	2,50%	2,33%	3,46%
Brasil	2,31%	1,50%	1,50%	1,45%	1,68%

Fonte: Calculado pela Fipe.

Tendo em vista esses resultados, convém explorar a razão pela qual se verificou uma redução na participação do PIB e do PIB per capita da economia paraense no cenário nacional. A explicação está associada ao mecanismo de evolução do PIB nominal. Por exemplo, a evolução da participação do PIB de uma economia regional no agregado nacional dependerá tanto do nível de crescimento real (*quantum*) como também do índice de preços (deflator implícito) do PIB das duas regiões (a parte e o todo). Assim, uma região com uma dinâmica mais forte na sua economia real, comparativamente à nacional, pode perder representatividade se o índice de preços do conjunto da sua economia cresce significativamente abaixo do índice de preços da economia nacional. Este é precisamente o caso da economia paraense, como pode ser observado no Gráfico 4. Considerando o período 1994-2006, nota-se que a evolução do índice de preços do PIB do Brasil foi substancialmente maior que a do PIB do Pará. Especificamente, em todo o período, o primeiro aumentou 379,13% e o segundo aumentou 231,20%.

Porém, esse efeito não é necessariamente fortuito, pois pode estar associado aos diferenciais de especialização produtiva entre a economia paraense e a economia nacional. Como veremos adiante, a economia paraense possui uma base produtiva pouco diversificada e concentrada no setor extrativo mineral e na fabricação de produtos intermediários básicos. Nessa cadeia produtiva, os produtos tendem a ser homogêneos e o principal fator de competição é o preço. Logo, a concorrência é muito mais acirrada e torna-se difícil explorar vantagens de diferenciação na formação dos preços e, portanto, no valor dos produtos dessa cadeia.

Gráfico 4 - Evolução do índice de preços do PIB do Pará, da região Norte e do Brasil: média de 1994 = 100



Fonte: Calculado pela Fipe.

3. CARACTERÍSTICAS SETORIAIS DA ECONOMIA PARAENSE

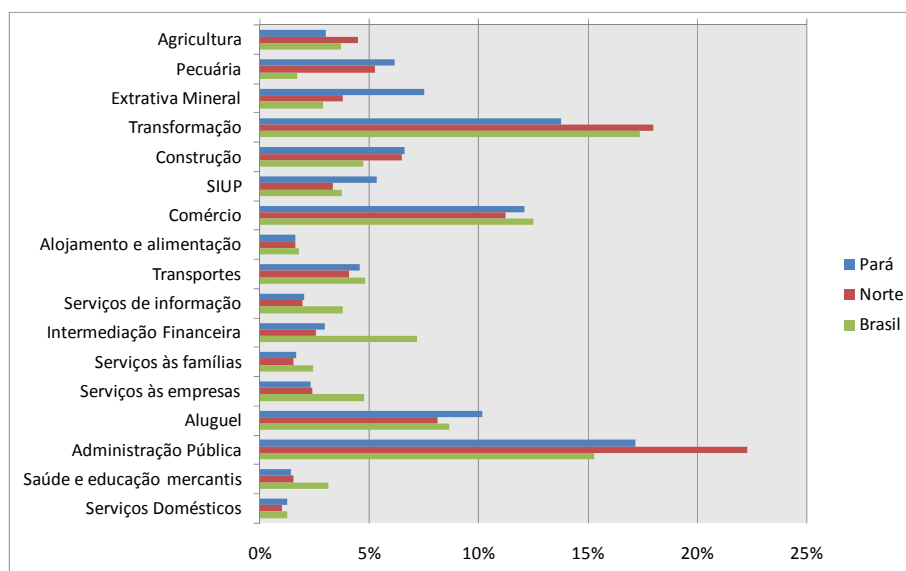
Conforme a estrutura do Valor Adicionado, os setores mais importantes na economia do Pará são: Administração Pública (17,2%), indústria de transformação (13,8%), comércio (12,1%), aluguel (10,2%) e extrativa mineral (7,5%). Conjuntamente, esses setores representam 60,8% de todo o Valor Adicionado, sendo muito importantes para a dinâmica da economia paraense.

Comparando a estrutura da economia paraense com a estrutura da economia nacional e da região Norte, é possível identificar algumas características bastante diferentes (Gráfico 5). As diferenças marcantes são a participação relativamente mais alta do setor de extração mineral e mais baixa do setor de transformação, seja na comparação em nível regional ou nacional. Considerando a estrutura do Valor Adicionado em 2006, a participação do setor de extração mineral foi de 7,5% no Pará enquanto na região Norte e no Brasil chegou a apenas 3,8% e 2,9%, respectivamente. No sentido oposto, a indústria de transformação possuía uma participação de 13,8% no Pará ao passo que representava 18,0% na região Norte e 17,4% no Brasil.

Embora em menor escala, outras diferenças interessantes podem ser observadas. O setor SIUP (Serviços Industriais de Utilidade Pública) possui uma participação mais alta na economia paraense (5,4%) em comparação com país (3,8%) e a região Norte (3,4%). De outro lado, os setores serviços de informação, intermediação financeira, serviços às empresas e saúde e educação mercantis são menos representativos na economia paraense e Norte quando comparados com a economia nacional. No caso dos três primeiros setores, esse resultado sugere que existe baixa interação com as demais cadeias produtivas, notadamente industriais, no Pará e na região Norte. Essa interação tende a ser mais forte em economias com uma estrutura econômica mais sólida e diversificada, como no caso nacional.

Já a baixa representatividade relativa do segmento de saúde e educação mercantis indica que esses serviços são mais ofertados pela via pública do que privada, embora também possa estar associado ao perfil de distribuição de renda e de escala de consumo da economia do Pará e da região Norte. É reconhecido que o nível de desigualdade de renda é mais elevado no Pará e na região Norte, de modo que os incentivos ao desenvolvimento do setor de saúde e educação mercantis pelo mercado privado talvez sejam menores nessas regiões.

Gráfico 5 - Estrutura Valor Adicionado do Pará, região Norte e Brasil por setor – 2006

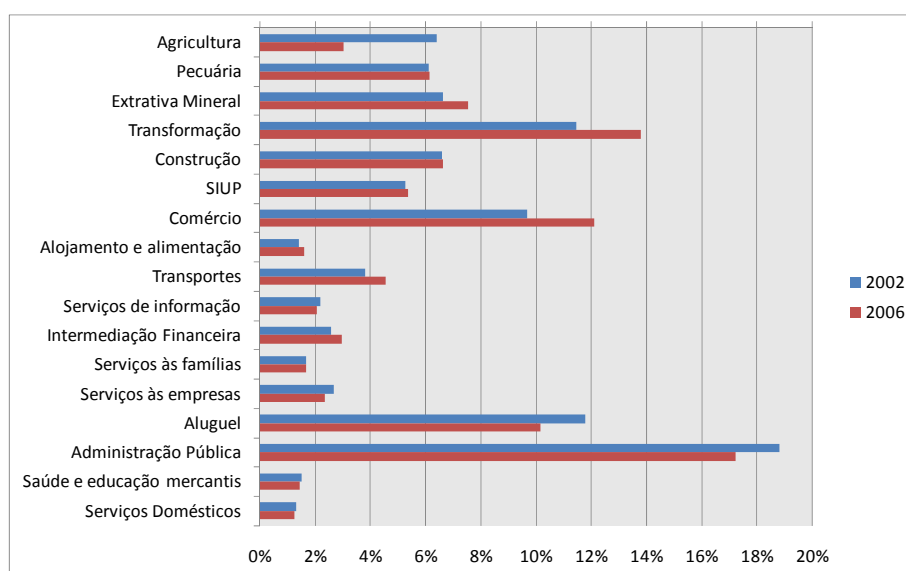


Fonte: Calculado pela Fipe.

A despeito dessa configuração produtiva da economia paraense e suas diferenças em relação à região Norte e ao Brasil, pode-se observar importantes modificações na sua dinâmica recente. No período 2002-2006, houve um aumento significativo na participação dos setores de transformação e comércio na estrutura da economia paraense (Gráfico 6). Nesse período, a participação da indústria de transformação aumentou de 11,5% para 13,8% e a do comércio subiu de 9,7% para 12,1%. Outros setores também acompanharam esse movimento, porém em menor intensidade, com destaque para: extrativa mineral (de 6,6% para 7,5%), transportes (de 3,8% para 4,6%) e intermediação financeira (de 2,6% para

3,0%). Observando a Figura 1, nota-se ainda que o aumento da participação da indústria de transformação se caracteriza por um crescimento significativo do segmento de produtos metalúrgicos. No todo da indústria de transformação, a participação desse segmento saltou de 37,7% em 2002 para 46,9% em 2006, significando um incremento aproximado de 9,2% em apenas quatro anos.

**Gráfico 6 - Evolução da estrutura do Valor Adicionado do Pará por setor:
2002 e 2006**



Fonte: Calculado pela Fipe.

É possível destacar pelos menos três fenômenos para explicar as causas dessas significativas mudanças estruturais no período recente. O primeiro, e talvez o mais relevante, é o forte aumento da demanda internacional por produtos da extração mineral (principalmente minerais metálicos) e por produtos metalúrgicos, impulsionada pelo ciclo de crescimento mundial recente, notadamente no mercado asiático. A economia paraense parece ter explorado bastante suas vantagens de especialização na produção desses bens, aproveitando o ciclo mais recente de crescimento da economia mundial.

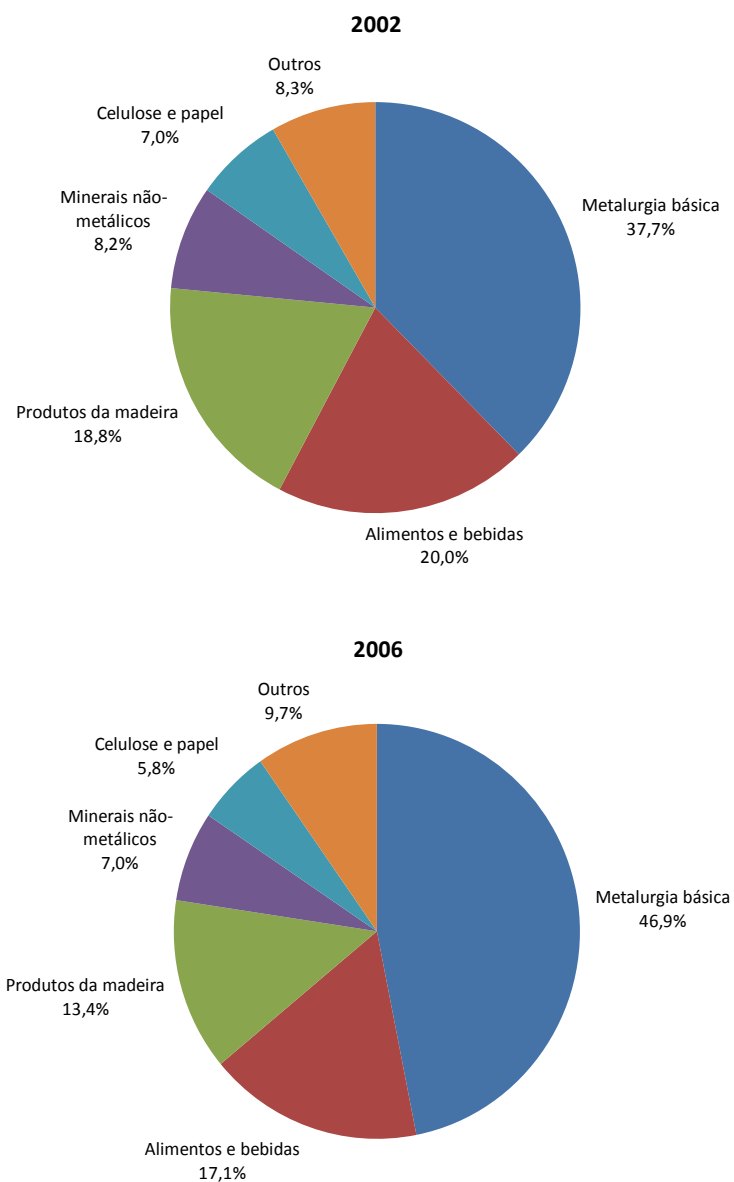
O segundo e o terceiro fenômenos atuam de forma combinada. O segundo refere-se ao aumento das transferências do Governo Federal através dos programas assistenciais, mais

concentrados na região Norte e Nordeste do país, enquanto o terceiro refere-se à melhoria das condições de endividamento via mercado de crédito para os consumidores (maiores prazos com menores taxas de juros). No caso desse último, convém salientar que se trata de um fenômeno em âmbito nacional que impulsionou a demanda por bens de consumo duráveis, notadamente nas classes de renda mais baixa. Mas, como a população de renda mais baixa se concentra nas regiões Norte e Nordeste, as quais também absorvem a maior parte das transferências de renda dos programas federais, os estímulos ao mercado de consumo, propagados por esses dois fenômenos, tendem a ser mais intensos nessas regiões.

No caso específico do Pará, é possível observar os efeitos desses fenômenos através do aumento da participação nas atividades de comércio, transporte e intermediação financeira. Também vale ressaltar que, no Pará, essas atividades tendem a absorver os efeitos desses fenômenos de forma relativamente mais forte devido à baixa diversificação da cadeia produtiva local, principalmente na produção de bens de consumo duráveis. Em função disso, o suprimento da demanda interna da economia paraense tende a ser atendido via comércio regional. Assim, parte dos efeitos positivos da expansão do consumo tende a vazar (transbordar) para outros estados do país¹. Logo, no mercado interno do Pará, são apenas os serviços de intermediação que percebem os estímulos positivos desses fenômenos de forma mais evidente.

¹ Os estados potencialmente mais beneficiados pelos vazamentos da economia paraense, via comércio regional, tendem a ser Amazonas e São Paulo. O primeiro, devido à especialização na fabricação de produtos eletro-eletrônicos na Zona Franca de Manaus. O segundo devido à concentração das demais atividades produtoras de bens de consumo durável, principalmente automóveis.

Figura 1 - Estrutura da indústria de transformação conforme o Valor da Transformação Industrial: 2002 e 2006



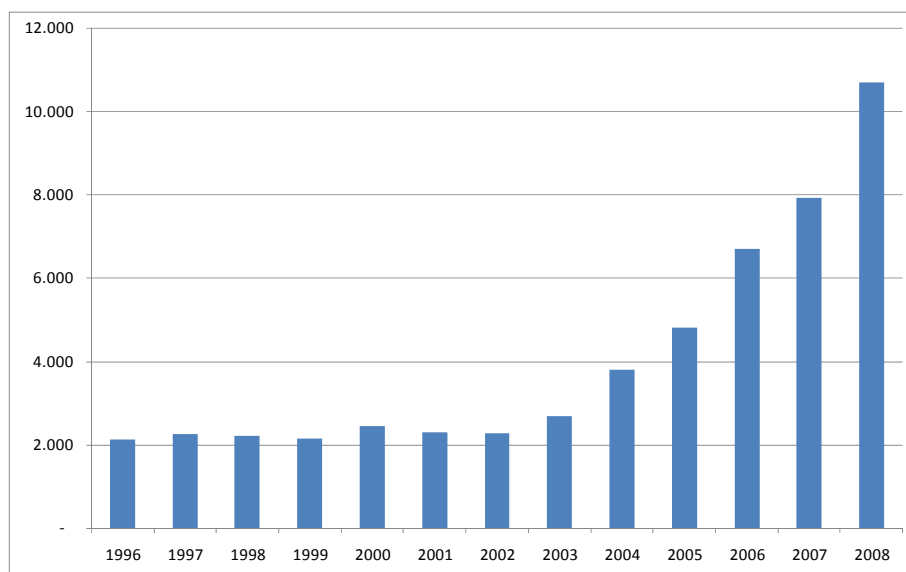
Fonte: Pesquisa Industrial Anual do IBGE. Calculado pela Fipe.

4. INSERÇÃO INTERNACIONAL DA ECONOMIA PARAENSE

Nas seções anteriores, ficou evidente que a economia do Pará apresentou um ritmo de crescimento acelerado nos últimos anos. Esta seção mostra que o desempenho do setor exportador tem sido muito importante para a dinâmica da economia paraense.

Considerando os valores exportados pelo Pará em Dólar, nota-se uma expressiva expansão a partir de 2003 (Gráfico 7). No período 1996-2002, as exportações paraenses permaneceram praticamente estáveis: US\$ 2.117 milhões em 1996 e US\$ 2.678 milhões em 2003. Contudo, em 2008, o valor das exportações paraenses foi de US\$ 10.681 milhões, representando um crescimento de 298,9% em relação a 2003.

Gráfico 7 - Valor das exportações do Pará (US\$ milhões): 1996-2008

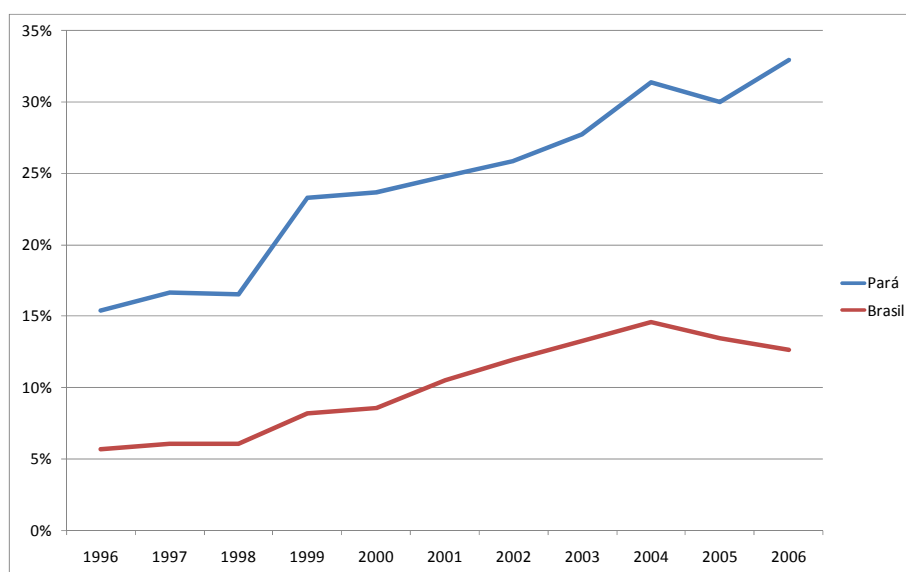


Fonte: Secex.

O Gráfico 8 evidencia que as exportações realmente são muito importantes para o desempenho da economia paraense, seja na comparação com o Brasil ou na perspectiva temporal. No período 1996-2006, a participação das exportações no PIB do Pará foi significativamente superior àquela observada no Brasil como um todo. Em 1996, essa participação era de 15,4% no Pará e de 5,7% no Brasil. Em 2002, a mesma participação

cresceu para 32,9% no Pará e para 12,7% no Brasil. Nesse sentido, as exportações representam aproximadamente um terço do PIB da economia paraense e sua importância econômica é praticamente 2,6 vezes mais alta no Pará em relação ao Brasil.

Gráfico 8 - Participação das exportações no PIB: Pará e Brasil (1996-2006)



Fonte: Elaborado pela Fipe.

Conforme os dados do Quadro 5 e 6, a seguir, os produtos mais importantes na pauta de exportação do Pará em 2008 foram: minério, escórias e cinzas (49,8%); produtos químicos inorgânicos (13,5%); alumínio e suas obras (10,2%); e ferro fundido, ferro e aço (8,6%)². O valor exportado desses produtos foi US\$ 8.763 em 2008, representando 82,0% do valor total das exportações do Pará neste ano.

Apesar dessa configuração, a pauta de exportações do Pará sofreu mudanças importantes no período 1996-2008. Em 1996, os três produtos mais importantes eram minérios, escórias e cinzas (40,3%), alumínio e suas obras (24,2%) e madeira, carvão vegetal e obras de madeiras (14,2%), os quais representam conjuntamente 78,7% das exportações totais. Analisando a pauta de exportação em 2008, nota-se que o primeiro produto permaneceu

² A descrição dos produtos do Quadro 5 e 6 corresponde aos capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM).

como o mais importante item de exportação da economia paraense, ainda aumentando sua participação para quase 50% do total exportado. Entretanto, os demais produtos perderam suas posições para alumínio e suas obras e para ferro fundido, ferro e aço, os quais passaram a ocupar a segunda e terceira posição na pauta de exportação, respectivamente.

Quadro 5 - Principais produtos de exportação da economia paraense: 1996-2008 (US\$ Milhões)

Descrição	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Minerios, escorias e cinzas	853	869	906	785	824	856	824	888	1.437	2.065	2.701	3.192	5.322
Produtos quimicos inorganicos, etc.	59	92	143	142	186	162	130	288	354	459	971	1.193	1.439
Aluminio e suas obras	512	553	452	456	561	454	503	562	725	771	1.148	1.144	1.087
Ferro fundido, ferro e aco	8	40	32	25	34	57	69	88	216	354	483	554	915
Madeira, carvao vegetal e obras de madeira	301	331	255	278	309	286	313	373	543	575	645	793	631
Animais vivos	0	0	0	0	0	0	0	1	4	15	45	256	363
Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	65	83	105	123	151	157	162	205	230	225	268	301	351
Pastas de madeira ou materias fibrosas celulosicas, etc.	92	43	84	98	142	106	94	122	136	149	173	192	240
Cafe, cha, mate e especiarias	49	49	74	77	60	53	47	47	48	38	66	79	88
Sementes e frutos oleaginosos, graos, sementes, etc.	0	0	0	0	0	1	1	16	5	21	20	19	56
Preparacoes de produtos hortícolas, de frutas, etc.	18	13	12	13	7	10	10	14	13	17	25	29	36
Peixes e crustaceos, moluscos e outs. invertebr. aquaticos	29	20	26	28	25	29	31	40	45	46	66	47	36
Carnes e miudezas, comestiveis	0	0	0	1	2	1	1	1	0	1	21	26	32
Outros produtos de origem animal	1	1	1	1	2	2	2	3	4	5	6	9	17
Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0	2	1	1	1	2	6	4	4	4	27	38	15
Perolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc.	93	124	80	85	98	89	51	0	0	0	0	0	14
Frutas, cascas de citricos e de meloes	14	20	15	8	21	8	9	9	15	23	9	14	8
Gorduras, oleos e ceras animais ou vegetais, etc.	15	15	16	9	9	8	2	1	7	18	11	3	8
Moveis, mobiliario medico-cirurgico, colchoes, etc.	3	4	3	4	4	4	4	5	8	8	7	7	7
Outros	4	4	3	2	3	4	7	12	11	16	16	29	15
Total	2.117	2.264	2.209	2.136	2.441	2.289	2.267	2.678	3.805	4.808	6.708	7.925	10.681

Fonte: Secex.

Quadro 6 - Composição das exportações da economia paraense: 1996-2008 (%)

Descrição	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Minerios, escorias e cinzas	40,3%	38,4%	41,0%	36,8%	33,7%	37,4%	36,3%	33,2%	37,8%	42,9%	40,3%	40,3%	49,8%
Produtos quimicos inorganicos, etc.	2,8%	4,1%	6,5%	6,7%	7,6%	7,1%	5,7%	10,8%	9,3%	9,6%	14,5%	15,1%	13,5%
Aluminio e suas obras	24,2%	24,4%	20,4%	21,4%	23,0%	19,9%	22,2%	21,0%	19,1%	16,0%	17,1%	14,4%	10,2%
Ferro fundido, ferro e aco	0,4%	1,8%	1,5%	1,2%	1,4%	2,5%	3,1%	3,3%	5,7%	7,4%	7,2%	7,0%	8,6%
Madeira, carvao vegetal e obras de madeira	14,2%	14,6%	11,5%	13,0%	12,7%	12,5%	13,8%	13,9%	14,3%	12,0%	9,6%	10,0%	5,9%
Animais vivos	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,3%	0,7%	3,2%	3,4%
Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	3,1%	3,7%	4,8%	5,7%	6,2%	6,9%	7,1%	7,6%	6,0%	4,7%	4,0%	3,8%	3,3%
Pastas de madeira ou materias fibrosas celulosicas, etc.	4,3%	1,9%	3,8%	4,6%	5,8%	4,7%	4,2%	4,6%	3,6%	3,1%	2,6%	2,4%	2,2%
Cafe, cha, mate e especiarias	2,3%	2,2%	3,3%	3,6%	2,5%	2,3%	2,1%	1,8%	1,3%	0,8%	1,0%	1,0%	0,8%
Sementes e frutos oleaginosos, graos, sementes, etc.	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,1%	0,4%	0,3%	0,2%	0,5%
Preparacoes de produtos horticolas, de frutas, etc.	0,8%	0,6%	0,5%	0,6%	0,3%	0,4%	0,4%	0,5%	0,3%	0,4%	0,4%	0,4%	0,3%
Peixes e crustaceos, moluscos e outs. invertebr. aquaticos	1,4%	0,9%	1,2%	1,3%	1,0%	1,3%	1,4%	1,5%	1,2%	1,0%	1,0%	0,6%	0,3%
Carnes e miudezas, comestiveis	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,3%	0,3%
Outros produtos de origem animal	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%
Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,3%	0,2%	0,1%	0,1%	0,4%	0,5%	0,1%
Perolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc.	4,4%	5,5%	3,6%	4,0%	4,0%	3,9%	2,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%
Frutas, cascas de citricos e de meloes	0,7%	0,9%	0,7%	0,4%	0,9%	0,4%	0,4%	0,3%	0,4%	0,5%	0,1%	0,2%	0,1%
Gorduras, oleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,7%	0,7%	0,7%	0,4%	0,3%	0,3%	0,1%	0,0%	0,2%	0,4%	0,2%	0,0%	0,1%
Moveis, mobiliario medico-cirurgico, colchoes, etc.	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%
Outros	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,3%	0,4%	0,3%	0,3%	0,2%	0,4%	0,1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Secex.

No tocante ao destino das exportações paraenses, também se verifica algumas modificações na comercialização para blocos econômicos e países no período entre 1996 e 2008 (Quadros 7 e 8). Em termos estruturais, os mercados do NAFTA, União Européia e Ásia são os maiores destinos das exportações do Pará. Em relação ao total exportado, esses mercados representaram 91,5% em 1996, 92,1% em 2002 e 83,4% em 2008. Já os mercados do Mercosul e Oriente Médio têm baixa relevância para as exportações do Pará, enquanto a importância dos demais mercados têm crescido. Isso sugere um pequeno movimento de desconcentração espacial das exportações paraenses, principalmente no período recente (2002-2008).

No contexto desse suave movimento de desconcentração, destacam-se também algumas mudanças na composição dos três principais mercados de destino. Junto com a redução da participação da União Européia e da Ásia, houve uma inversão na posição desses dois mercados em termos de representatividade. A União Européia, que chegou a absorver 47,0% das exportações paraenses em 2002, perdeu o posto de mercado mais importante para a Ásia em 2008. Por sua vez, ainda na terceira posição, o mercado do NAFTA logrou um pequeno incremento em sua participação (de 15,8% em 1996 para 19,7% em 2008).

Quadro 7 - Exportações do Pará por região de destino: 1996, 2002, 2008

Mercados	Valores (R\$ Milhões)			Estrutura (%)		
	1996	2002	2008	1996	2002	2008
Mercosul	22	33	176	1,0%	1,5%	1,7%
NAFTA	334	347	2.105	15,8%	15,3%	19,7%
União Européia	828	1.065	3.258	39,1%	47,0%	30,5%
Ásia	776	677	3.545	36,6%	29,9%	33,2%
Oriente Médio	4	1	126	0,2%	0,1%	1,2%
Outros	153	144	1.471	7,2%	6,3%	13,8%
Total	2.117	2.267	10.681	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Secex.

Analisando a composição do destino das exportações paraenses por países, algumas alterações são bastante significativas (Quadro 8). A economia japonesa tem sido o principal país de destino das exportações do Pará, mas teve sua participação significativamente reduzida entre 1996 (28,0%) e 2008 (13,6%). Atualmente, o Japão disputa com os Estados

Unidos a primeira posição no destino das exportações do Pará por países. Por sua vez, a participação dos Estados Unidos tem permanecido estável nesse período.

Outra mudança significativa diz respeito ao crescimento da importância da China, que passou a ocupar a terceira posição como país de destino das exportações paraenses. Em 1996, a China participava com apenas 0,7% nas exportações totais do Pará, mas sua participação subiu para 11,8% em 2008. Outros ganhos de participação relevantes no período 1996-2002 ocorreram para o Canadá, a Noruega, a Suíça e a Venezuela. De outro lado, as perdas de participação mais relevantes ficaram a cargo de Alemanha, Holanda e Itália.

Quadro 8 – Exportações do Pará por país de destino: 1996, 2002, 2008

Países	Valores (R\$ Milhões)			Estrutura (%)		
	1996	2002	2008	1996	2002	2008
Japão	592	445	1.452	28,0%	19,6%	13,6%
Estados Unidos	276	269	1.424	13,0%	11,9%	13,3%
China	14	127	1.261	0,7%	5,6%	11,8%
Alemanha	170	163	615	8,0%	7,2%	5,8%
Bélgica	118	294	607	5,6%	13,0%	5,7%
França	92	145	590	4,4%	6,4%	5,5%
Canadá	42	65	568	2,0%	2,9%	5,3%
Noruega	5	49	464	0,3%	2,2%	4,3%
Coreia do Sul	109	45	451	5,1%	2,0%	4,2%
Suíça	38	0	341	1,8%	0,0%	3,2%
Venezuela	5	11	334	0,2%	0,5%	3,1%
Holanda	200	142	300	9,4%	6,3%	2,8%
Itália	95	85	286	4,5%	3,7%	2,7%
Espanha	58	83	237	2,7%	3,6%	2,2%
Argentina	20	33	172	1,0%	1,4%	1,6%
Reino Unido	54	63	140	2,5%	2,8%	1,3%
Bulgária	0	3	134	0,0%	0,1%	1,3%
Filipinas	38	15	125	1,8%	0,6%	1,2%
México	8	8	111	0,4%	0,3%	1,0%
Egito	0	0	105	0,0%	0,0%	1,0%
Outros	181	225	964	8,6%	9,9%	9,0%
Total	2.117	2.267	10.681	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Secex.

4.1 DECOMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES PARAENSES

Como o setor externo possui uma importância muito grande para a economia do Pará, e considerando ainda que o mundo passa atualmente por uma crise econômica bastante séria, convém analisar com um pouco mais de profundidade a composição do crescimento das exportações no período recente. Especificamente, busca-se avaliar a evolução dos componentes de *quantum* e de preços referente ao comportamento do valor das exportações do Pará no período 2003-2006. Diante do cenário econômico atual, essa análise torna-se muito relevante porque a crise internacional pode implicar num processo de retração da demanda por produtos da extração de minerais metálicos e metalúrgicos, que são muito importantes na estrutura produtiva da economia paraense.

Como já destacado, as exportações paraenses cresceram 298,9% no período 2003-2008. Esse crescimento corresponde à variação no valor das exportações, sendo possível desagregá-lo em um componente de *quantum* e outro de preço. A evolução desses componentes é apresentada na forma de índices no Gráfico 9, assumindo que o índice de *quantum* possui base igual a 100 em 2003³. Inicialmente, constata-se que o crescimento do valor das exportações ocorreu tanto pelo aumento da quantidade como dos preços. Contudo, a variação de preços (126,6%) foi muito mais expressiva no período em comparação com a variação da quantidade exportada (76,2%).

³ A decomposição foi realizada pelo método de Laspeyres. Os cálculos são efetuados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) para todos os estados, sendo disponibilizados no seguinte *website*: http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_exportacoes.php.

Gráfico 9 – Evolução dos índices de quantum e de preços das exportações paraenses no período 2002-2008



Fonte: Calculado pela FEE.

Esse resultado indica que o aumento dos preços foi o principal componente da expansão do valor das exportações paraenses nos últimos anos. Esse efeito está associado ao forte incremento na demanda por *commodities* no mercado mundial, notadamente minerais e petróleo e derivados, que pressionou a elevação dos preços. No entanto, o cenário de crise atual aponta para um processo de recessão nas economias mais desenvolvidas e para uma acentuada desaceleração nas economias emergentes, tanto na Ásia como na América Latina. Nessa perspectiva, configura-se um cenário de retração na demanda pelos bens de especialização da economia paraense, cujos efeitos podem significar uma redução tanto na quantidade exportada como também nos preços dos produtos de exportação.

Essa conjuntura pode comprometer significativamente a renda do setor exportador⁴. E, dada a importância das exportações para a dinâmica econômica do Pará, também são elevados os riscos de propagação de distúrbios em toda cadeia produtiva, levando a uma redução da

⁴ A redução da renda do setor exportador associada a uma redução de preços no mercado internacional poderia ser compensada pela desvalorização cambial. Contudo, se a queda dos preços for muito intensa, o efeito compensação pode ser apenas parcial.

atividade econômica nos próximos anos. A forte ligação da economia paraense com a economia internacional, que influenciou bastante sua dinâmica de crescimento acelerado ao longo da última década, mostra-se como um fator de alta vulnerabilidade no cenário econômico atual. Assim, pelo menos no curto prazo, as evidências sugerem que mitigação dos efeitos associados à vulnerabilidade externa dependerá da capacidade de inserção da economia paraense na dinâmica da economia nacional, a qual se mostra com menor vulnerabilidade externa. Além disso, é provável que a economia brasileira acompanhe o ciclo de desaceleração previsto para as economias emergentes, sem entrar em um regime de recessão.